

D. JOÃO DE CASTRO E OS PROBLEMAS RELIGIOSOS DO MAR VERMELHO

Poucos suspeitam que D. João de Castro e os seus roteiros interessem, por exemplo, à história da escriturística. Concedem a D. João de Castro, claro está, dons extraordinários de observação, enorme curiosidade científica e o estilo desnudo de quem transpõe o facto observado para o papel — só o facto. E que miudeza nas minúcias marítimas do seu diário de bordo! «Quarta feira, 21 d'agosto, até o meo dia, foy o vento susueste bonança, e logo nos deu hum chuveiro do sul e trouxe consigo vento galerno» (1). Ou então: «vigiando o quarto d'alva, vi o arco das velhas muito bem feito, o qual fazia a lũa, que o dia seguinte avia de ser chea [...] cousa fermosa pera ver; e averá vinte annos que o vi outra noite, sendo a lũa chea, em a cidade de Lisboa, de que parecia claro enganarse Plinio, dizendo que este arco, que chamamos das velhas, nunca aparecia de noite» (2).

Dia a dia, vai registando os acontecimentos que perturbavam a monotonia do só-mar-e-céu. Sábado, 15 de Junho, apareceram umas aves pouco maiores do que andorinhas, de costas cinzentas e barrigas brancas. Os marinheiros chamam-lhes frades (3). Quarta-feira, 26 de Junho, vento galerno e, pela manhã, muitas aves: «feijões» e gaiivotões grandes. No dia seguinte, alcatrazes, garjaus e, ao meio-dia, lobos marinhos (4). A 3 de Setembro, «o mar andou tropeçado», voando por cima

(1) D. JOÃO DE CASTRO, *Roteiro de Lisboa a Goa (1538)*, Lisboa 1940, p. 164.

(2) *Ib.*, p. 78.

(3) *Ib.*, p. 82.

(4) *Ib.*, p. 95.

do barco alcatrazes, com metade da cabeça preta e as asas negras com algumas malhas brancas⁽⁵⁾. A 9 de Setembro, appareceu um borrelho (pássaro parecido ao estorninho, pardo a tirar sobre o branco) uma tartaruga e muitas cobras do mar.⁽⁶⁾ Vento noroeste galerno.

A 14 de Julho, num domingo, uma tromba de água: «A parte desta tromba, que apegava nas nuveens, afastava por hũa parte, e outra fazia hũa testa, e dahi pera baixo até o mar muito roliça e redonda; a ponta que pegava no mar erguia hum grande fervor por derredor, e, segundo notávamos os que isto víamos, parecia chupar agoa e levala por dentro da tromba acima»⁽⁷⁾. Isto no *Roteiro de Lisboa a Goa*.

Um homem assim, metido pelo Mar Vermelho, até Suez, e lembrando-se da passagem dos israelitas por aquelas águas, seria capaz de pôr a sua curiosidade científica ao serviço da Sagrada Escritura? Seria e foi. O *Roteiro de Goa a Suez ou do Mar Roxo* interessa à escriturística e, digamo-lo desde já, o seu autor rebate algumas teses que depois tiveram grande voga.

De facto, a sua curiosidade religiosa andava a par da sua perspicácia científica. Descreve, com minúcia, a cristandade da ilha de Socotorá, suas origens, igrejas e a sua entranhada devoção à santa cruz. «Rezam as oraçoens em caldeo, segundo fui informado, carecem de ensino, mas sam muito desejosos delle». Têm nomes iguais a nós, a saber: «Pedros, Joannes, Andrees; e as molheres geralmente Marias»⁽⁸⁾.

Ao chegar a esta ilha, outrora do Preste João da Etiópia, nota ser voz corrente que de lá «embarcou Sabbaa, Rainha da Ethiopia, quando foi ver elrrei Salamon, segundo entre os Abbexiis se conta e tem em suas memorias»⁽⁹⁾. Outros dizem que foi em Çuaquém⁽¹⁰⁾.

Era homem bastante perguntador. E não só isso, bastante instruído, mesmo em religião. Interessava-se por tudo, examinava

(5) *Ib.*, p. 188.

(6) *Ib.*, p. 193.

(7) *Ib.*, p. 134.

(8) D. JOÃO DE CASTRO, *Roteiro de Goa a Suez ou do Mar Roxo (1541)*, Lisboa, 1940, p. 20.

(9) *Ib.*, p. 54.

(10) *Ib.*, p. 64.

as pegadas dos animais e das pessoas. E desta forma, pelo rasto dum homem e dum camelo, descobriu que o iam seguindo ao longo da costa, por terra ⁽¹¹⁾.

Enfim, o Mar Vermelho! E ei-lo a perguntar por que o chamavam assim. Sabe-se lá! Os pilotos mouros chamavam-lhe Mar de Meca. Moravam «em alguns lugares deste estreito» e espantavam-se de os portugueses dizerem Mar Roxo ou Vermelho. Só num pequeno espaço parece vermelho, por causa do coral. O resto não faz diferença dos outros mares ⁽¹²⁾.

Vai navegando para o norte, até à ponta sul da península do Monte Sinai, e chega a Tor, na costa oriental do golfo de Suez: a «villa de Toro», escreve ele, «também parece ser o porto a que a Sagrada Escritura chama Ailam, onde Solomon, rei de Judá, mandou fazer as naos que foram a Társis e Offir carregar de ouro e prata pera fazer o templo. Porque, tirando a segunda letra de Aillam, são os nomes antigos quasi huma mesma cousa». Esta observação vêmo-la quase três séculos depois, nos escritos do Padre Sicard. E lá vai D. João de Castro ajuntando razões em favor da sua tese, mostrando conhecer bem a geografia do Médio Oriente.

Tor estava à beira-mar, junto a uma praia grande e formosa, e tinha doze palmeiras juntas «e apinhoadas, muito chegadas ao mar». Pela terra dentro, a planície. E ao longe, altas serras. Nelas, «o dia d'oje, fazem alguuns Cristãos santa vida». É lugar pequeno e cristão, embora falem arábico. Tem um mosteiro «de frades da ordem de Monserrate, em o qual ho orago he da bem aventurada virgem sancta Catharina do monte Sinai. A nação dos frades he grega» ⁽¹³⁾.

Que os monges de Tor fossem gregos, pelo menos alguns, concedemo-lo sem dificuldade. Tal mosteiro, aliás, estava em relações íntimas com o de Santa Catarina do Monte Sinai, do rito grego e construído pelo imperador Justiniano, de Bizâncio. Que nas montanhas em volta houvesse ermitas cristãos ou, com maior probabilidade, monges que mais ou menos associados aos do mosteiro de Tor, se retiravam para o deserto, à velha maneira

(11) *Ib.*, pp. 138-139.

(12) *Ib.*, pp. 201-205.

(13) *Ib.*, pp. 155-157.

oriental e africana, parece-nos natural e de acordo com o ambiente. Que fossem da «ordem de Monserrate», já precisa de esclarecimento. Talvez D. João de Castro pretendesse dizer que a vida religiosa de tais monges se assemelhava à dos beneditinos da montanha de Monserrate, junto a Barcelona, já reformados por García Jiménez de Cisneros, em que também havia religiosos de profissão anacorética e com regra particular: *Constitutiones heremitarum Montisserati* ⁽¹⁴⁾.

Ora, em 1535, reuniu-se em Barcelona a grande armada da expedição de Carlos V contra Tunes, ninho de piratas na África mediterrânica. Dela faziam parte «vinte e cinco caravelas e alguns navios redondos», entre eles um galeão às ordens de António Saldanha. O infante D. Luís desempenhou papel de relevo nessa guerra e o seu amigo D. João de Castro ganharia também ali as esporas de cavaleiro, se as já não tivesse ⁽¹⁵⁾.

Se bem nos parece, foi então que D. João de Castro, por notícias de quem lá foi ou por lá ter ido pessoalmente, chegou ao conhecimento da vida monástica e anacorética de Monserrate. A serra, com o seu mosteiro e ermidas, ficava na Catalunha, não longe de Barcelona — e o futuro vice-rei da Índia era homem curioso, prestes a tudo ver e a tudo indagar.

Assim fez ele, também, ao desembarcar na aldeia de Tor, no golfo de Suez e junto ao Monte Sinai: «Desejoso eu de saber algumas particularidades da terra, tomei prática dos frades, e a enformação, que delles pude tirar, he esta. A cerca do monte Sinai, me dixeram que stava tres jornadas pequenas polla terra dentro, em que podia aver 18 légoas. Ho qual monte era muito alto, e a terra per derrador chaã e descuberta; e nas suas faldas avia huum grande lugar de christãos, em o qual nam entrava nenhum mouro, salvo huum, que arrecadava os direitos das rendas dos Turcos. E que em cima deste monte stava huum mosteiro de muitos frades, onde o corpo da bem aventurada sancta Catherina jazia emterrada. Esta virgem, como screve Antonino, Arcebispo

(14) DOM GARCIA M. COLOMBÁS, MONJE DE MONTSERRAT, *Un reformador beneditino en tiempo de los reyes católicos, García Jiménez de Cisneros, abad de Montserrat*, Abadia de Montserrat, 1955, pp. 114-127.

(15) G. DE BOOM, *Les voyages de Charles Quint*, Bruxelas, 1957, pp. 71-74; JACINTO FREIRE DE ANDRADE, *Vida de D. João de Castro*, Lisboa, 1940, pp. 19-21.

de Florença, foi arrebatada da cidade d'Allexandria pellos anjos, e trazida a este monte, e por suas mãos sepultada. Este bem aventurado e sanctíssimo corpo me disseram os frades que averia quatro meses que fora levado com grandíssima pompa, em hum carro triumphal todo dourado, à cidade do Cairo, onde os Christãos da cidade, que he huma grande parte do povo, o vieram receber com grande procissão e sollemnidade e ho poseram em hum mosteiro muito honrado. Desta mudança tamanha e tam estranha me disseram ser occasião as muitas descortesias que os allarves faziam no mosteiro; e como, por escusarem outras, era forçado redemillas por dinheiro, do que aqueixandosse os Christãos do Cairo ao gram turquo, alcançaram delle que podessem trazer o corpo desta bem aventurada virgem à cidade, o que os frades respunhavam muito; porém, nada lhes aproveitara».

Claro que D. João de Castro desconfiou da trasladação, inventada pelos frades, pois julgavam que era intenção dos portugueses assaltar o mosteiro do Monte Sinai, correndo o boato de em breve chegarem dez mil homens numa armada. Apesar de mentira, os monges não se deram por achados e continuaram na sua lamúria, «mostrando disso grande tristeza e sentimento», por terem levado para o Cairo o corpo de Santa Catarina do Monte Sinai.

Deixemos de parte a lenda antiga da trasladação milagrosa da mártir Santa Catarina para o Monte Sinai⁽¹⁶⁾. Sobre a sua paixão e milagres muito se escreveu, em prosa e verso latino. Certo é que D. João de Castro adivinhou a piedosa mistificação dos monges de Tor. Na verdade dirigiu-se a um mouro «muito letrado e curioso» (o que nunca achei em nenhum mouro, acentua ele) e foi-lhe respondido que por ali e no Cairo não circulara nenhuma notícia de ter sido levado o corpo de Santa Catarina, nem tal consentiriam os cristãos dos arredores do Monte Sinai, «porque esta molher todos a aviam por sancta»⁽¹⁷⁾. E no Cairo, também nada constava.

(16) *Bibliotheca Hagiographica Latina*, n.ºs 1657-1700.

(17) D. JOÃO DE CASTRO, *Roteiro de Goa a Suez ou do Mar Roxo (1541)*, Lisboa, 1940, pp. 157-160, tudo o que até aqui transcrevemos de D. João de Castro, em Tor.

Quanto ao mais, eram verdadeiras as informações acerca do famoso mosteiro e dos privilégios dos cristãos, pelo menos dos monges: «Pendant l'invasion musulmane, les moines échappèrent au sort qu'ils pouvaient attendre des sectaires, grâce, dit-on, à un acte signé par Mahomet en reconnaissance de l'hospitalité reçue par lui dans le couvent. L'acte, s'il exista jamais, fut porté à Constantinople; il a disparu; la copie donnée aux moines par le sultan Selim a également disparu; une transcription douteuse est conservée aux archives du patriarcat du Caire. Nonobstant cette garantie, les moines grecs, pour plus de sécurité, firent bâtir contre l'église une mosquée pour leurs serviteurs arabes, édifice qui paraît être du XV^e siècle. Elle est encore debout, mais branlante, et on l'utilise comme grenier» (18).

Privilégio de Maomé, das posteriores autoridades árabes ou turcas, ou simples direito consuetudinário, pouco importa. Olhava-se com veneração para o mosteiro do Monte Sinai e respeitavam-se os monges. Os monges e, decerto, a pequena cristandade que os cercava, assim como os peregrinos.

O que, porém, mais interessava a D. João de Castro era a travessia do Mar Vermelho, por Moisés e o seu povo, perseguidos pelas tropas montadas do faraó. A travessia e, sobretudo, o lugar exacto onde ela se dera. Pois bem, situa-se entre Tor, muito ao sul da Fonte de Moisés, e o outro lado fronteiro do golfo de Suez, na costa de África. Daqui para lá, evidentemente, e em linha recta. Deixemo-lo expor a sua tese e dar as suas razões:

«O porto do mar do Toro nam he grande; porém, seguro dos ventos, que lhe podem fazer nojo. Porque da banda do mar se lhe oppõe huma restinga de pedra, muito comprida, que corre ao longo da praya do lugar, entre a qual e a terra se faz o porto. E aqui, tanto avante como o lugar se avezinham tanto ambollas costas que ho espaço do mar que as aparta será caminho de tres legoas. Desejoso eu de saber algumas particularidades da terra, tomei prática dos frades, e a enformação, que delles pude tirar, he esta. A cerca do monte Sinai [...]. Pergunteilhes que por onde tinham sabido que os Judeus atravessaram este mar

(18) H. LECLERCQ, *Sinai*, in *Dictionnaire d'Archéologie Chrétienne*, t. 15, cols. 1474-1475.

Roxo? Ao que me responderam que nom sabiam lugar certo; porém, que nam avia duvida a ser por entre Toro e Soez, e atravessarem de huma costa à outra. E que duas legoas ou tres ante de chegar a Soez, na costa da Arábia, estava a fonte de Mouses, que arebentou quando ferio a pedra com a sua vara, stando os Judeus em grande desesperação de sede; a qual, oje em dia, lhe chamão os mouros Arabios a fonte de Mouses, e a sua agoa ser mais que outra alguma suave e singular. Também lhes perguntei quantas legoas avia do Toro ao Cairo, per terra? Disseram me que jornada de 7 dias, andando meãmente, e que a estrada direita era por Soez. Mas que depois de hi starem as gallees do Turco, lançaram a estrada por cima, obra de duas legoas; e tanto que stavam tanto avante como Soez, caminhão pera onde se punha o sol. Avida esta enformação dos frades, pratiquei com hum mouro, honrrado, muito letrado e curioso, o que nunca achei em nenhuum mouro, e pergunteilhe que por onde lhe parecia passarem os Judeus este mar? Respondeo me que o que stava em memoria de gente e assi em algumas scripturas era: Que vindo os Judeus fogindo do Egypto, vieram ter de fronte de Toro, na terra da outra banda e costa que vem do Abbexi, onde todo o poder dos Egyptcios viera sobre elles pera os matar; e estando em tamanho perigo, Mouses, seu capitão, fez oração a Deos e logo ferio o mar com huma vara, 12 vezes, e encontinente foram abertas 12 carreiras por onde entrou todo o povo dos Judeus, e fora aportar à terra da outra banda, onde agora estava o lugar de Toro [...]. E assi, que chegados os Judeus ao lugar de Toro, Mouses, seu capitão, os levara caminho do monte Sinay, onde falava muitas vezes com Deos. Estava opiniam me approveu muito. Porque, se esta passage fora por Soez, como alguns querem dizer, que necessidade tinham os Egyptcios de se meter pollo mar, a fim de perseguirem os Judeus, podendo rodear a enseada com muito pouco trabalho e tomar lhes a dianteira?, maiormente sendo gente de cavallo contra piaães; o que clarissimamente se verá na távoa de Soez, que vai adiante. E posto que em todas estas cousas intreviesse millagre, sempre vemos que nos tais acontecimentos ha huma mostra e maneira de rezam» (19).

(19) D. JOÃO DE CASTRO, *Roteiro de Goa a Suez ou do Mar Roxo (1541)*, Lisboa, 1940, pp. 157-160.

Salta à vista que os monges gregos não criam muito na travessia do Mar Vermelho, de costa a costa, em frente de Tor. Limitaram-se a afirmar, de modo vago, que os judeus tinham atravessado o mar entre o porto de Tor e Suez, acentuando que para o norte, a duas ou três léguas de Suez, estava a Fonte de Moisés. Se tivessem qualquer suspeita fundamentada em favor da passagem, a direito, do Mar Vermelho, da costa egípcia para Tor, decerto que defenderiam essa tese, ao menos por razões de prestígio local. Mas estando eles tão perto do Monte Sinai, achariam bem estranho que os israelitas marchassem primeiro para o norte (onde existia mais o perigo das tropas egípcias) e a seguir voltassem para o sul, depois de Moisés ter feito jorrar no deserto a fonte milagrosa.

D. João de Castro, por seu lado, achava o mar ali bastante estreito, perto de três léguas. Levado pelo gosto de se informar de toda a gente, perguntou a opinião dum «mouro» mais instruído e este falou-lhe, como já vimos, da existência duma tradição oral e escrita em favor da travessia, pelos judeus, «de frente de Toro, na terra da outra banda». Tanto lhe aprouve esta opinião que a teve por verdadeira, desenhando ou fazendo desenhar um mapa da região de Tor, onde as letras K. L. indicam o local da partida, na costa egípcia, e o lugar da chegada, na praia de Tor, em frente das palmeiras⁽²⁰⁾.

No *Dictionnaire de la Bible*, A. Legendre publicou o mapa da saída dos israelitas e da travessia do Mar Vermelho, com o traçado de quatro itinerários: um do P.^o Sicard, outro de Lecoin-tre, o terceiro de Brugsch e o quarto, da sua preferência, em linha oblíqua, desde o norte do golfo de Suez, no canto egípcio, até ao outro lado, em passagem relativamente curta, prolongada por terra, depois, até à Fonte de Moisés, mais ao sul.

Não achamos demais a quinta hipótese, a muçulmana, registada por D. João de Castro e louvada por ele. Quanto a nós, seria difícil aceitá-la, pois era preciso empurrar, por longos dias, o povo judeu, ao longo da margem ocidental do Mar Vermelho,

(20) Cf. D. JOÃO DE CASTRO, *Roteiro em que se contém a viagem que fizeram os portuguezes, no anno de 1541, partindo da nobre cidade de Goa até Soez, que he no fim e stremidade do Mar Roxo*, Paris, 1833, entre as pp. 274 e 275, no começo do apêndice final, com o resumo da obra em português: *Sinus arabici seu Maris Rubri ou Itinerarium Maris Rubri, seu Sinus Arabici, auctore D. Joanne de Castro*.

e poderíamos então perguntar que faziam as tropas montadas do faraó, com tanto tempo diante de si, sem levar a cabo coisa nenhuma. Evidentemente, o milagre tanto podia acontecer num lugar como noutro. Porém, exigia nova maravilha: a apatia total da cavalaria egípcia, sendo, por outro lado, um povo tão orgulhoso e sentindo que os judeus os tinham enganado, levando consigo riquezas que não eram suas.

No entanto, ficamos a conhecer uma tradição muçulmana (a do mouro e das *escrituras* a que ele se referia). Ainda mais, verificamos que a curiosidade científica de D. João de Castro se estendia à Sagrada Escritura, defendendo, até, um modo bastante sensato de interpretar os milagres (neste caso, a travessia do Mar Vermelho), procurando sempre dar-lhes o aspecto mais razoável possível. Quer dizer, procurando, sempre, detectar neles «huma mostra e maneira de rezam».

Além disso, D. João de Castro rebate, antes de tempo, a tese de Legendre, com os judeus a cortar, em linha oblíqua, uma calota da ponta norte do golfo de Suez, a partir do ângulo ocidental. Se a passagem fosse por Suez (quer dizer, na extremidade norte do golfo), conforme alguns então diziam, nenhuma precisão teriam os egípcios de se meter precipitadamente pelo mar, escreve D. João de Castro, «podendo rodear a enseada com muito pouco trabalho e tomar lhes a dianteira».

Com efeito, se olhamos para um mapa, vemos que tinha razão. Por terra, a cavalaria do faraó podia bem dar a volta e esperá-los do outro lado, na costa oriental do golfo de Suez — e os egípcios conheciam a região tão bem como os fugitivos ou ainda melhor. Como estratégia, o futuro vice-rei da Índia mete-se, por assim dizer, na pele da tropa montada e pensa o que eles teriam pensado, em iguais circunstâncias. Em doze colunas, o povo judeu caminharia mais devagar. Havia bastante tempo e, podendo os cavaleiros ir por caminho seguro e conhecido, não se arriscariam a entrar na realidade ambígua do mar aberto, diante deles. Sabiam perfeitamente onde estavam e (na hipótese de Legendre) não havia necessidade de pressas.

Em D. João de Castro, espanta-nos sobretudo o conhecimento das várias hipóteses sobre a travessia do Mar Vermelho, pelos hebreus, inclusive da tese de alguns racionalistas, e até de católicos, resumida pelo P.^o Sicard, na primeira metade de

setecentos, os quais reduziam o milagre a uma questão de maré baixa, quando passaram os judeus, e maré alta, quando os egípcios tentaram segui-los, sendo então apanhados pelas águas da enchente: «La troisième objection est que, sans recourir à un miracle de la toute-puissance de Dieu, on peut dire que le passage des Hébreux dans la mer Rouge est arrivé naturellement; que Moïse a fait passer son armée lorsque la Mer s'était retirée, et que l'armée de Pharaon fut surprise et submergée par la Mer qui remontait» (21).

Conhecia D. João de Castro essa tese e, com toda a naturalidade, dá a devida resposta, ao descrever o mar e a terra que vão de Tor a Suez: «Considerando eu com muyta diligencia nos fluxos e refluxos do mar, que jaz de Toro até Soez, achei nam serem maiores nem mais pequenos que os outros, que vão por estas praias do streito, mas da mesma maneira; do que parece a falsidade dalguns scriptores que disseram nam se abrirem as carreiras dos Judeus por este mar, mas que vazava tanto a agoa nesta parte que ficava todo em seco: ho que sperando os Judeus, tiveram desembargada a passage pera a outra banda» (22).

É esta uma resposta adequada, à base do conhecimento directo da realidade geográfica em que se dera a travessia. Leclercq, no já citado artigo sobre o Sinai, pode afirmar, com razão, que «les atterrissements des côtes ont bien certainement déplacé la limite des eaux depuis le temps de Moïse». Contudo, não mudou decerto o regime nem a força das marés — e elas não constituíam nenhum mistério para os egípcios de então.

Estamos em presença dum caso típico de abertura espiritual, com aproveitamento das fontes religiosas para conhecimento e investigação do ambiente geográfico e histórico das terras descobertas e não menor aproveitamento das navegações para se pôr em contacto com a realidade religiosa e procurar compreendê-la de perto. Assim aconteceu na navegação do Mar Vermelho, em que a leitura da vida de Santa Catarina do Monte Sinai pôs D. João de Castro de espírito alerta, a respeito do Monte Sinai e do mosteiro que lá havia.

(21) *Lettres édifiantes et curieuses*, t. 5, Toulouse, 1810, pp. 248-249.

(22) D. JOÃO DE CASTRO, *Roteiro de Goa a Suez*, ed. cit., p. 172.

E o mesmo aconteceu quanto à leitura do Êxodo, que preparou psicologicamente o nosso navegador para estudo mais profundo do Mar Vermelho e das suas costas, levado pelo desejo de compreender o mais racionalmente possível a passagem daquelas águas pelos hebreus.

Tal atitude, ao mesmo tempo escatológica e terrestre, dava envergadura universal à mundividência dos portugueses de então e despertava-lhes o entendimento para a compreensão de problemas que ultrapassavam o terra-a-terra das suas ocupações habituais de marinheiros, soldados e historiadores das gestas do Oriente.

Assim, João de Barros, nas suas *Décadas*, depois de se referir a um veneziano e à opinião por ele publicada, num roteiro, do local da passagem de Moisés, a quinze léguas de Suez e a vinte e cinco de Tor, promete tratar do caso na sua *Geografia*, onde procuraria recordar «estas opiniões do transitio e passagem de Moyses»⁽²³⁾. E não esqueçamos que Diogo de Couto, seu sucessor na história da Ásia portuguesa, foi o primeiro ocidental a notar as relações íntimas das páginas hagiográficas de S. Josafá com a lenda indostânica de Buda⁽²⁴⁾.

Quer dizer, eram homens abertos a todo o saber religioso e profano, sem neles sentir oposição, e capazes, como D. João de Castro, de investigar a cor das águas do Mar Vermelho, de fazer perguntas aos monges gregos e a algum sabedor muçulmano, sobre o lugar da passagem de Moisés, de comparar os

(23) JOÃO DE BARROS, *Décadas da Ásia*, déc. 2, liv. 8, cap. 1.

(24) MÁRIO MARTINS, *Estudos de Literatura Medieval*, Braga, 1956, pp. 12-16. Diogo de Couto refere-se a Buda e à lenda de S. Josafá e S. Barlaão nas *Décadas da Ásia*, déc. 7, liv. 3, cap. 10. «Tendo eu algumas práticas com alguns Christãos muito velhos e daquelles primeiros que alli converteo o Padre Fr. António do Porto, indo ver esta casa de Manapazer, hum delles, que affirmava ser de mais de cento e vinte annos, que fallava muito bem Portuguez, e o lia e escrevia, e continuava a lição do Flos Sanctorum e as Vidas dos Santos, me affirmou que sem dúvida a obra do Pagode Canari fora mandado fazer pelo pai do Príncipe e Santo Josafat, que Barlaão converteo à Fé de Christo, pera nelle o recolher e encerrar, por lhe dizerem seus Astrologos que aquelle Príncipe havia de receber a Fé dos Christãos. E assim sua nascença e vida, segundo suas escrituras, e ainda hoje cantão em suas cantigas estes Gentios, he tão semelhante à do Santo Josafat, segundo temos em sua lenda, que fiquei admirado quando ma contaram; e porque não será desaprazivel, a trarei aqui o mais brevemente que puder». Segue-se a lenda de Buda e dos seus encontros com o homem coxo, o velho e o morto.

monges dali com os de Monserrate e, até, de refutar as teses das marés e da calota norte do golfo de Suez, na travessia dos hebreus. Sem contar a sua curiosidade acerca do Mosteiro de Santa Catarina do Monte Sinai e as reminiscências em torno das navegações da Rainha de Sabá e dos barcos de Salomão.

MÁRIO MARTINS, S. J.